

Viçosos Coches

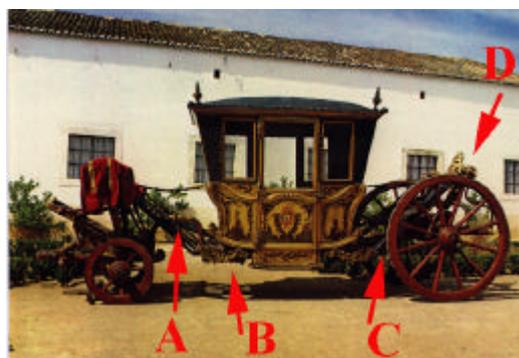
Continuando a série de artigos sobre a análise mais cuidada sobre cada uma das categorias dos carros de cavalos, gostaria desta vez de propor algo um pouco melhor: uma ida ao museu!... Carruagens como os coches, berlindas e seges não se encontram facilmente, como tal nada como uma ida ao melhor museu de coches do Mundo: o de Portugal. Para os mais distraídos e para aqueles que acham que o que é estrangeiro é que é bom, gostaria de dizer que é com pragmatismo e sem chauvinismos que se afirma que temos o melhor museu de coches do mundo, seja em quantidade e especialmente na soberba qualidade das suas peças. Para que os leitores compreendam esta minha afirmação, aconselho não só uma visita à sede do museu em Lisboa, mas também uma visita ao anexo deste museu que se situa na belíssima terra de Vila Viçosa: certamente uma boa desculpa para mais um fim de semana fora. Entre o Paço, o Castelo, a Tapada, as Caçadas, a Gastronomia e as plácidas noites alentejanas, certamente que os leitores encontrarão ali algo que lhes prenda a atenção antes ou depois de visitarem este esplêndido museu. Vila Viçosa é um daqueles recantos alentejanos onde sempre desejámos ir mas que temos a mania de que é longe. Pois bem, desenganem-se os mais ocios: fica a 2 horas de Lisboa e sempre em auto-estrada (“o que é uma grande trabalhêra!”).

Uma vez dentro do museu, o vosso simpático guia será o senhor João Malta que à cerca de 13 anos não faz outra coisa que não seja fazer brotar no imaginário dos visitantes imagens das galas e viagens dos reis e príncipes de outrora. Dezenas de Coches, Berlindas, Seges e até o Landau do regicídio (onde ainda se reconhecem os buracos das balas que mataram o rei D. Carlos e o

príncipe D. Filipe) ser-lhes-ão apresentados por este senhor: não hesitem em colocar dúvidas ou em fazer perguntas um pouco mais técnicas pois certamente que ele o saberá explicar com todo o prazer.

Resta-me desejar um bellissimo passeio aos leitores que resolvam visitar este museu.

Para aqueles que não possam fazer esta visita aqui fica uma breve descrição técnica sobre estas três categorias de carros de Cavalos:



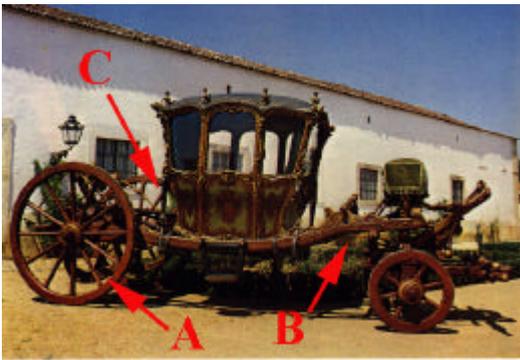
Coche

Coche: A designação de “Coche” foi dada, em meados do século XV, a um novo tipo de carro com a caixa suspensa, através de correntes ou correias de couro (C), a uma estrutura de montantes fixos aos eixos dos rodados (D). Todos os veículos de tracção até então existentes tinham caixas ligadas rigidamente aos rodados o que como devem imaginar causava grande desconforto aos passageiros. Os primeiros exemplares destas viaturas, designados como “carros à húngara” ou “carros de Kotze” (localidade onde foram construídos), chegaram à Itália em simultâneo com o desencadear do *Renascimento* que logo se apropriou da novidade dando-lhe um estatuto especial, de acordo com o gosto pelo conforto e pelo usufruto do belo como ostentação requintada de riqueza, que nesse período se desenvolveu.

Nos modelos iniciais os eixos eram ligados um ao outro por uma única viga

central o que impedia um grande ângulo de viragem. Este defeito foi mais tarde solucionado pela introdução de rodados mais pequenos à frente e pela ligação da viga ao rodado dianteiro por uma peça em arco de aço chamada “pescoço de cisne”(A), sob a qual as rodas dianteiras podiam agora passar. O “sacudir” da caixa foi também melhorado a partir de meados do século XVII com a introdução de pequenos feixes de molas que efectuavam a ligação entre a caixa e as correias de couro (B).

No entanto, o coche depressa revelou que o seu sistema de suspensão permitia, perante movimentos mais violentos, o virar da caixa, o que o tornava num meio de transporte pouco seguro para as sempre em mau estado estradas de outrora. A solução para este problema foi encontrada, em Berlim, em finais do século XVII e tomou a designação de “Berlinda” ou “Berlina”



Berlinda

Berlinda: O avanço técnico que caracterizava estes carros residia no facto de os rodados serem agora ligados por dois varais laterais à caixa (B) (em vez de um único central) e de esta ser agora suspensa por duas correias fortemente esticadas por um mecanismo de roda dentada e ressalto. Dois outros factos que comumente caracterizam este tipo de carros são a existência de correias verticais dos varais laterais à caixa (C) (que impedem a caixa de virar) e a existência na parte traseira de dois arcos de emergência, que no caso

de quebra de uma das rodas impedem o chassis de adornar totalmente (A).



Berlinda – Mecanismo de tensão

Sege: O termo sege deriva concerteza do termo francês *chaise*. As Seges são aquilo a que podemos chamar de primeiro utilitário da história dos veículos de tracção animal. Era um carro robusto e simples e por isso preferido nas deslocações quotidianas onde o aparato não era preocupação e, em longas jornadas, uma vez que a sua caixa aligeirada permitia atingir maior velocidade que os coches e berlindas. Apesar de também existirem com quatro rodas, o tipo mais usual de Sege é o de duas rodas, com uma caixa em forma de vírgula gigante, dois lugares, frente com cortinas de couro e uma suspensão que em tudo se assemelha à das berlindas. Estes veículos eram tirados usualmente por duas “bestas” uma ao centro e outra lateralmente que era montada por quem conduzia o veículo. O facto de se considerar esta posição como viajar à “boleia” concedeu a designação de boleieiro à pessoa que conduz o veículo e de boleia ao local de onde se executa a tarefa de dirigir - apesar de a expressão *cocheiro* ser a mais comum para designar estas

peças. Segundo descrições da época a Sege era um veículo “muito incómodo” em que se fica “acaçapado e apertado. No Verão, se correremos as cortinas de couro, atabafa-se; no Inverno, por muito cuidado que haja em as fechar sempre se apanha frio, vento e chuva.” A todos estes incómodos opunham-se vantagens como: facilidade de deslocação, maior velocidade, possibilidade de viajar incógnito, (fechando as cortinas de couro), e de, dispensando o boleeiro, ser o próprio a conduzir.



Sege

Esta nova dimensão de poder viajar com maior independência bem como o facto de as Seges se terem tornado, a partir do século XVIII, preferencialmente viaturas de aluguer, dentro e fora das cidades, permitiu alargar o leque dos utilizadores que deixaram de ser exclusivamente nobres.

O facto de existirem diversos mestres em Portugal com reconhecido mérito para as construírem acabou por originar que os artifices das carruagens de cavalos se passassem a chamar de “Segeiros”, designação que ainda hoje é utilizada.

Restauro – Filosofia subjacente: - Vale a pena restaurar uma peça destas para utilização?... Eu julgo que não!... a filosofia subjacente a estes veículos deverá ser sempre a da conservação museológica e não a da restauração integral e pura. Devem ser encarados (no caso de não terem ainda sofrido danos irreparáveis ou restaurados

ruinosos) como peças de pintura e escultura – destinadas a estar para sempre quietas. Ninguém melhor que a fundação Ricardo Espírito Santo para encetar esse trabalho.

No caso de nada mais haver a recuperar a não ser algumas madeiras e ferro, aconselho os proprietários a ponderar seriamente a hipótese de restauro integral: tarefa de dificuldade máxima nesta arte e por isso demasiado onerosa - só para alguns ricos felizardos que se podem dar ao luxo de contratar os especialistas certos para este tipo de trabalho.

Quanto podem valer estas peças????... responder a esta pergunta é um pouco difícil uma vez que está em jogo o factor histórico – a quem pertenceram?... que factos históricos viveram?... Os números que conheço são demasiado insensatos para que aqui os possa escrever com absoluta certeza de estar a informar honestamente os leitores... resta-me saber que infelizmente esse problema quase não existe uma vez que as peças são de tal modo raras que poucos serão os que terão necessidade desta informação.



Carruagens e acessórios
Nuno Manuel Gouveia Alegre
R. Emidio Navarro Nº 2
3050 LUSO
PORTUGAL

Email : Allegre@mail.telepac.pt
Home page:
<http://Allegre.tripod.com>

Tel: 231-930256
Telm: 91 - 4738389